



APAGAR O NOME ELETROBRAS, NÃO APAGA NOSSA HISTÓRIA!

A Diretoria da Eletrobras anunciou a mudança de nome da maior empresa de energia elétrica da América Latina diretamente ao mercado, sem comunicar com quem trabalha no dia a dia da Empresa, ou às entidades sindicais representativas da categoria. Soubemos que haverá uma live no próximo dia 24, mas no mesmo horário, a Eletrobras insiste em reunir com a Coordenação Nacional do CNE, como forma de impedir a participação na live. Aliás mais uma vez, os dirigentes sindicais liberados não foram convocados, configurando prática antisindical.

De Eletrobras para Axia Energia, a atual gestão da Eletrobras privada quer apagar a história e as raízes dos(as) brasileiros(as) que construíram desde a década de 60, a nossa grande Eletrobras.

Desde a origem do novo nome, que vem do grego, até a falta de originalidade da marca - que já é utilizada em diversos outros segmentos como agronegócio, mineração e até energia (Amsterdã, Colômbia, EUA), a gestão da Eletrobras privada se equivoca em achar que a mudança de nome por si só, apagará a origem e a essência de uma empresa que sempre teve como missão servir ao povo brasileiro.

O nome **Eletrobras** é a sinergia de duas palavras: “**Ele**tro”, de *eletricidade* e “**Br**as”, de *Brasil*. **Eletrobras** significa literalmente “*Eletricidade do Brasil*”, a energia como bem comum, a engenharia nacional como instrumento de soberania, e a eletricidade como direito de todos.

Em tempos de COP 30 em que se evoca a soberania, o respeito aos povos originários e territórios e ao meio ambiente, o movimento de mudança de nome por algo que remete à submissão do Brasil aos interesses do capital financeiro externo foi um movimento de péssimo gosto e de provocação ao Governo brasileiro que, recentemente,

fechou acordo com essa gestão para indicar algumas cadeiras no Conselho de Administração. Esse movimento, comunicado diretamente ao mercado, remete qual o real valor que a atual gestão valoriza: o valor de troca, do lucro, da rentabilidade acionária.

A justificativa para a mudança do nome demonstra a incoerência que ocorre no âmbito da empresa. Orientação por disciplina financeira e excelência operacional pode ser traduzido por: “à gestão tudo, a quem trabalha nada”. Desde a privatização o salário dos gestores de alta cúpula aumentou mais de 2.000%, enquanto pratica redução salarial na categoria.

A aquisição, pela alta direção da UHE Colíder, mesmo com pareceres técnicos contrários à aquisição, agora figura nos noticiários pelo risco estrutural e ambiental. O aumento substancial de acidentes de trabalho, desde a privatização, é resultado da gestão de desmonte atualmente aplicada.

Ao dizer que a nova marca remete aquilo que conecta e sustenta percebemos o quão desconecta é a marca. Começa pela não conexão com quem constrói a Eletrobras no dia a dia. Conexão pressupõe comunicação, processo interno que a empresa desmontou proposadamente para não comunicar internamente com seu quadro de pessoal, cortando os acessos a documentos internos, diminuindo as informações: sequer se sabe qual a perspectiva de crescimento dentro da empresa. Se não se tem acesso ao básico, o que dirá ser comunicado de algo tão significativo como a mudança de nome. Isso demonstra qual o real valor que a categoria tem para a atual gestão.

Sustentação pressupõe confiança e parceria, a gestão adotada é a da pressão e a do medo. O resultado é o aumento no adoecimento e péssimo clima organizacional. Claramente,

percebe-se que a única conexão que se busca é com os acionistas que pagaram barato e cobram caro o investimento realizado.

Enquanto afirma que quer ser mais inovadora e ágil, internamente reina a falta de transparência nas tomadas de decisão e processos, desde a aplicação da tão famigerada meritocracia até a posição na tabela salarial da Empresa. A demora em respostas de coisas que antes eram simples como emissão de PPP's, solicitações de reembolsos, marcações de férias, ainda são questões frequentemente levantadas como processos que funcionavam e não funcionam mais.

O CNE irá cobrar do Governo e de seus representantes no Conselho de Administração que não permitam este

ato. Não se trata de alterar um nome ou uma marca. Trata-se de uma tentativa de apagar a história da maior empresa de energia elétrica da America Latina e do simbolismo que seria a entrega do patrimônio público brasileiro aos interesses do mercado.

Axia não é futuro, é o retrato do atraso ao imaginar que uma história tão significativa e potente pode se apagar assim. É o retrato da submissão à ideologia de que o mérito pertence a quem compra, não a quem constrói; de que o mérito é do investidor, não do povo brasileiro. Podem querer mudar o nome, mas não podem apagar nossa memória.

**A ELETROBRAS É DO POVO
BRASILEIRO!**

**FORTALEÇA SEU SINDICATO! FILIE-SE!
JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!**

Na Terra há o suficiente para
satisfazer as necessidades de
todos, mas não para satisfazer
a ganância de alguns.

M. GANDHI

